

O CORAL É A COR DE 2019

Renan Moutropoulos Fortunato



A Pantone, empresa estadunidense especialista em sistemas de cores, elegeu cor coral – ou a cor *living coral*, para os mais apegados ao tema – como a cor da voga para 2019. Os ecos dessa escolha poderão ser notados nas novas paletas de cores de maquiagens francesas ou nas passarelas de Nova Iorque durante o próximo ano.

Contudo, o Brazil – ou Brasil, para os mais apegados ao Português – já estava familiarizado com corais antes de a Pantone fazer o anúncio acima em 2018. No mesmo ano, inclusive, o IBAMA (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis) negou um pedido de licença para a perfuração na foz do rio Amazonas para a busca do petróleo visando proteger o queridinho do momento: o coral.

Explicando: em 2016, foi publicado um estudo na revista *Science Adventures* que trazia a público a existência de corais riquíssimos na foz do rio Amazonas. De acordo com o estudo, o recife é cinco vezes maior do que o esperado, totalizando uma área equivalente à do estado do Rio Grande do Norte, com chances de ser o maior recife da América do Sul (CYMBALUK, 2017).

O recife ainda contém espécies que os cientistas pensavam haver somente no Caribe, os fazendo suspeitar que os corais amazônicos seriam um bioma de transição entre os corais do Nordeste brasileiro e os caribenhos (CYMBALUK, 2017).

Contudo, as petroleiras internacionais não estão lá muito ligadas à moda, e têm como fim principal a extração e refino de petróleo e nada mais, como regra geral. E o que isso tem a ver com os novos favoritos, os corais? Bem, a francesa Total, empresa do ramo petrolífero, venceu um leilão para a concessão de blocos para a exploração de gás e petróleo em 2013, antes da publicação do artigo sobre os corais, portanto (VALENTE, 2018).

A empresa vem tentando conseguir a sua licença para a exploração de petróleo no local de forma reiterada perante o IBAMA, mas esse já denegou os seus pedidos três vezes. De acordo com o órgão ambiental, a total não apresenta PEIs (Plano de Emergência Individual) satisfatórios que consigam conter razoavelmente os danos em eventual vazamento (VALENTE, 2018).

O Greenpeace já vinha militando pesadamente contra a extração de petróleo antes da descoberta dos corais, tendo intensificado a sua luta pela pauta após a descoberta. Agora, a ONG quer que o Brasil inclua a área do recife amazônico como Área Oficialmente Protegida e cancele todas as licenças de perfuração na bacia (CYMBALUK, 2017).

De onde o Greenpeace tira sua base? Muito simples, da Cúpula de Biodiversidade de Nagoya, na qual Brasil se comprometeu a criar zonas de conservação em, pelo menos, 10% de suas zonas costeiras, e criou apenas 1,5%, de acordo com o próprio Ministério do Meio Ambiente.

Pode chamar a atenção de alguns o fato de os *green influencers* usarem um instrumento internacional para se posicionarem, mas esses *haters* geralmente não sabem a interação do Protocolo de Nagoya com o sistema jurídico brasileiro. São pessoas que pouco sabem sobre *Jus Cogens*, *Soft Law*, *Enforcement*. É muito comum no Brasil esse tipo de desinformação...

Bom, pessoal, apesar dessa falta de informação, as notícias a serem passadas eram essas. Qualquer *comment* ou dúvida, podem deixar na caixa de comentários que o retorno é certo! 😊

REFERÊNCIAS

CYMBALUK, Fernando. Entre os corais e o petróleo: recife de corais na foz do Amazonas é 5 vezes maior e coloca em xeque a exploração de petróleo e leilões. **Uol**. [s.l.]. 16 nov. 2017. Disponível em: <<https://www.uol/noticias/especiais/corais-da-amazonia.htm>>. Acesso em: 11 dez. 2018.

VALENTE, Rubens. Ibama indefere licença para blocos de petróleo na Foz do Amazonas: Decisão é um revés nos planos do grupo francês Total, que adquiriu os lotes em 2013. **Folha de São Paulo**. [São Paulo]. 07 dez. 2018. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2018/12/ibama-indefere-licenca-para-blocos-de-petroleo-na-foz-do-amazonas.shtml>>. Acesso em: 11 dez. 2018.